

## 5. Conclusão

Quando a reportagem do jornal Folha de São Paulo (2009), que apresentamos na introdução desta pesquisa, afirmou que André Paste era uma de suas apostas da Geração 91 (em referência ao ano de 1991), ele ainda nem tinha 18 anos. Uma fala apontada na matéria indicava um futuro de transformações que estava por vir na vida daquele jovem que se metia a fazer mashup: “Logo faço 18 e vou poder pelo menos entrar em uma boate”, disse Paste. De lá para cá muita coisa mudou no cotidiano dele. De estudante de ensino médio, entrou na faculdade de Comunicação Social e se formou em Publicidade. De promessa da música, se tornou um solicitado DJ de festas cada vez mais concorridas. Montou um grupo, Avalanche Tropical, que mapeia a produção de *ghettomusic* no mundo inteiro. Dançou no palco ao lado de Girl Talk em um show do produtor norte-americano no Brasil. Passou a circular entre outros artistas brasileiros e, no ano de 2014, lançou seu primeiro disco, *Shuffle*, em que reúne diversos artistas para interpretar canções que ele produziu. Curiosamente, neste álbum não há mashups. *Shuffle*<sup>1</sup> é um disco de produtor, nos explica André.

O fator “transformação” que atuou em André Paste em *tão pouco tempo* também atacou o mashup nos últimos anos. O estilo saiu das principais frentes de renovação da música e foi incorporado naturalmente ao comportamento de diversos usuários da internet. Fruto de um universo que atualmente condiciona a música e a comunicação a um fluxo intenso de renovação de tendências e informações, o mashup parece ter sido naturalizado. Se nos primeiros anos da década de 2000 nos comportávamos de um jeito, atualmente a realidade é distinta. Se naqueles idos era comum a busca desenfreada por baixar MP3 sem pagar nada por eles, atualmente é mais prático ouvir os arquivos de áudio direto do computador ou de celulares em tecnologia *streaming*, sem necessidade do download do arquivo. Em muitos casos se paga por isso. Se naquela época era notório compor no computador, hoje já se faz isso direto nos smartphones, na palma da mão, enquanto se espera um ônibus ou no banheiro de casa. Desse modo, a capacidade de editar esses materiais se tornou ainda mais palpável e real. Inúmeros são os aplicativos que nos facilitam fazer mashups com temas diversos

---

<sup>1</sup>Faixa 67 no DVD anexo.

para além da música. São programas que instintivamente nos permitem colocar foto num vídeo, vídeos com outros vídeos, incluir nossa voz em músicas, entre outras possibilidades. Tudo a partir de poucos cliques. Um desses exemplos de alteração radical desta estética mashup nos foi apresentado pelo próprio André poucos dias antes da conclusão desta pesquisa, quando nos enviou links de produções de vídeo que se classificam como YTPBR (YouTubePoop BR). Nestes vídeos, os usuários mesclam inúmeros outros vídeos populares na internet em um arquivo só, em um nível frenético de edição. É, neste momento, uma tendência da cultura juvenil online. Pode já não ser mais daqui a alguns uns meses ou anos. E é justamente neste ponto que reside a graça e a importância da manifestação cultural. Ela não é feita para ser eterna. A efemeridade faz parte de sua construção.

Encaramos aqui o mashup – e todo o universo de download de músicas e uso de programas para edição e o diálogo dessa produção com a internet – como o registro de uma época. Se, por exemplo, olhamos para os anos 1970 e nos lembramos dos hippies, para a década de 80 como a geração new wave (em apenas dois dos recortes possíveis), indicamos aqui que a década de 2000 poderá vir a ser enxergada como a geração internet, que passou a subverter a lógica de utilização da informação, tanto consumindo como sendo produtora de conteúdo a partir do que todos geravam. O sentimento de pertencimento fica, portanto, abrangente. Tudo que cai na rede ou é produzido pode ser remixado, ganhando novos sentidos. Uma fala deslocada de um político, uma foto de um animal, ou até mesmo um vídeo inocente gravado por uma mãe podem ser transformados em novos produtos.

O interessante é observar que a música normalmente é o meio em que tais experiências são constantemente geradas. Música provoca sentimento, pertencimento e potencializa conexões. É por isso que nos últimos anos temos visto que diversas manifestações da sociedade acabam se refletindo no campo da música, desde os direitos autorais (um tema que vai para além do universo da indústria cultural, como quebra de patentes da indústria farmacêutica ou até mesmo registro de produtos naturais), passando pelo choque entre interesses dos cidadãos no viver urbano (é comum vivenciar, por exemplo, políticos que queiram fechar bares com música até um determinado horário porque acreditam que causam transtorno a vizinhos), até movimentos culturais/sociais, quando

observamos ainda a constante criminalização do funk em diversas cidades do Brasil.

É por conta dessa potência da música na atualidade que tateamos as formas de se apropriar dela para a construção das mais diferentes narrativas. O mashup e o remix são algumas dessas formas que dialogam com esses anos em que as pessoas são confrontadas com a era da informação. Quando um cidadão quer desconstruir o discurso do ex-presidente norte-americano George W. Bush a respeito dos ataques militares a outras nações, ele recorta trechos de inúmeros pronunciamentos do político fazendo-o “cantar” a letra original de *Imagine*, de John Lennon<sup>2</sup>. É altamente irônico (e soa engraçado) ver Bush declamar a letra pacifista de *Imagine*. Tem-se assim, a partir do remix/mashup, um importante uso político dessas novas ferramentas e possibilidades de criação.

Em uma das mais recentes análises sobre o mashup, publicada nos primeiros dias de março de 2015 pela respeitada revista eletrônica The Fader, tem-se o sentimento de que anos depois de surgimento do mashup em territórios britânico e americano o estilo realmente tenha deixado algo no ar para além dos que muito consideram ser apenas piada e diversão. Para Alexander Iadarola (2015), embora nos últimos anos o mashup tenha sumido um pouco do foco da seção de *novidades*, o estilo reflete a agitação da nossa vida online, exemplificando o conflito entre os artistas pop Beck e Kanye West, quando o segundo invadiu o palco de cerimônia do Grammy 2015 para protestar contra a vitória de Beck na categoria Melhor Álbum. Para Kanye, o prêmio deveria ter ido para Beyoncé. O que aconteceu nas horas seguintes? Uma explosão *memes* (montagens na internet que envolvem texto, foto e/ou vídeo) nas redes sociais, remixando linguagens. Uma delas foi o mashup *Single Loser (Put a Beck on It)*<sup>3</sup>, disponibilizado por um usuário anônimo no Soundcloud, sob a alcunha de Beckyoncé (Beck + Beyoncé), juntando os hits *Single Ladies (Put a Ring on It)*, de Beyoncé, com *Loser*, de Beck. Na impossibilidade do Grammy dividir o prêmio entre os dois cantores, o usuário resolveu ironizar a situação e juntar os dois artistas. O articulista Iadarola reforça o pensamento de que o mashup é um produto que ferve e se movimenta nesta era da informação e que por isso mesmo é natural que o termo seja substituído por outros, atendendo ao desejo de novidade

---

<sup>2</sup> Faixa 65 no DVD anexo.

<sup>3</sup> Faixa 66 no DVD anexo.

desenfreada por parte do mercado cultural e de informação. No universo pop, a busca por novidades é um motor, fazendo parte da própria narrativa desta indústria.

O que observamos é que, cerca de 15 anos depois do surgimento do conceito mashup, tudo o que ele significa faz parte da nossa vida. As criações e as narrativas estão sendo construídas em um mesmo espaço. Está tudo no mesmo ambiente: música, vídeo, foto, literatura, jornalismo, cinema, artes-plásticas, cotidiano, vida saudável, receitas de cozinha... tudo está mesclado se sobrepondo e dialogando ao mesmo tempo. Em depoimento ao The Fader, o produtor norte-americano False Witness (2015), pertencente a uma nova geração que faz mashup, exemplifica essas sensações ao afirmar que suas criações buscam refletir essa natureza caótica de fazer as coisas, sendo que o usuário de internet lida com muitas emoções ao mesmo tempo, a música que ouve enquanto digita um texto, logo em seguida sobreposto por um vídeo qualquer que já desperta outra (ou semelhante) sensação. Para o DJ, o que era para ser ruído pode ser remontado e disponibilizado novamente.

Nesta avalanche de informações, a única certeza é que a mudança nos é concreta e que, inclusive, o mashup pode retornar constantemente reconfigurado em novos termos, exemplificações e criações. É também no mashup que as diferenças se apresentam e nos servem para contar uma narrativa, envolvendo tanto a vida dos usuários (ouvintes, produtores e DJs) quanto suas obras a partir de obras dos outros.

Finalizamos essa composição com um depoimento do próprio André Paste a estes pesquisadores, quando ele relata sua *persona* atual, num exemplo do que o mashup e o remix já fazem parte da vida:

- Eu estou formando em publicidade. Eu sou DJ. Eu sou filho da Jussara, irmão da Laura. São muitos Andrés dentro de um André só. Sou um pouco de cada um. Mas eu não gosto de viver o André Paste DJ, essa *persona* que produz e tudo mais. Eu brinco com meus amigos que eu sou o Almeidinha. Trabalho de faculdade eu assino André Almeida. O que eu produzi não é o que eu sou 100%. É um pedaço de mim ali.